

Lourenço Cazarré

Ilustrações de Murilo Silva

ESTAVA NASCENDO O DIA  
EM QUE CONHECERIAM O MAR

1ª edição

1ª tiragem

Conforme a nova ortografia



R. Henrique Schaumann, 270  
CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP  
Tel.: PABX (0\*\*11) 3613-3000  
Fax: (0\*\*11) 3611-3308  
Televendas: (0\*\*11) 3613-3344  
Fax Vendas: (0\*\*11) 3611-3268  
Atendimento ao Professor: 0800-0117875  
Endereço Internet: [www.editorasaraiva.com.br](http://www.editorasaraiva.com.br)  
E-mail: [atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br](mailto:atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br)

#### Revendedores Autorizados

**Aracaju:** (0\*\*79) 3211-8266/3211-6981/3213-7736  
**Bauru:** (0\*\*14) 3234-5643/3234-7401  
**Belém:** (0\*\*91) 3222-9034/3224-9038/3241-0499  
**Belo Horizonte:** (0\*\*31) 3429-8300/3429-8310  
**Brasília:** (0\*\*61) 3344-2920/3344-2951/3344-1709  
**Campinas:** (0\*\*19) 3243-8004/3243-8259  
**Campo Grande:** (0\*\*67) 3382-3682/3382-0112  
**Cuiabá:** (0\*\*65) 3901-8088/3901-8087/3901-8089  
**Curitiba:** (0\*\*41) 3332-4894  
**Florianópolis:** (0\*\*48) 3244-2748/3248-6796  
**Fortaleza:** (0\*\*85) 3238-2323/3238-1331  
**Goiânia:** (0\*\*62) 3225-2882/3212-2806/3224-3016  
**Imperatriz:** (0\*\*99) 3525-2913  
**João Pessoa:** (0\*\*83) 3241-7085/3222-4803  
**Londrina:** (0\*\*43) 3322-1777  
**Macapá:** (0\*\*96) 3223-0706/3223-0715  
**Maceió:** (0\*\*82) 3221-0825  
**Manaus:** (0\*\*92) 3633-4227/3633-4782  
**Natal:** (0\*\*84) 3611-0627/3211-0790/3222-1158  
**Porto Alegre:** (0\*\*51) 3371-4001/3371-1467/  
3371-1567  
**Porto Velho:** (0\*\*69) 3223-2383/3221-2915/3221-0019  
**Recife:** (0\*\*81) 3421-4246/3421-4510  
**Ribeirão Preto:** (0\*\*16) 3610-5843/3610-8284  
**Rio Branco:** (0\*\*68) 3224-3125/3224-7094/3224-3432  
**Rio de Janeiro:** (0\*\*21) 2577-9494/2577-8867/  
2577-9565  
**Salvador:** (0\*\*71) 3381-5854/3381-5895/3381-0959  
**Santarém:** (0\*\*93) 3523-6016/3523-5055  
**São José do Rio Preto:** (0\*\*17) 3227-3819/  
3227-0982/3227-5249  
**São José dos Campos:** (0\*\*12) 3921-0732  
**São Luís:** (0\*\*98) 3243-0353  
**Serra:** (0\*\*27) 3204-7474/3204-7483  
**Teresina:** (0\*\*86) 3221-3998/3226-1956/3226-1125  
**Uberlândia:** (0\*\*34) 3213-5158/3213-6555/3213-4966

**Copyright** © Lourenço Cazarré, 2011

Gerente editorial: ROGÉRIO GASTALDO DE OLIVEIRA

Editora-assistente: KANDY SGARBI SARAIVA  
Auxiliares de serviços editoriais: MARI KUMAGAI/  
RUTE DE BRITO

Estagiário: DANIEL DE OLIVEIRA

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Gerente de Artes: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Coordenação editorial: VERBA EDITORIAL

Projeto gráfico e capa: ROSANA MARTINELLI

Suplemento de Trabalho: VERBA EDITORIAL

Preparação de texto: JULIANE KAORI

Revisão: RENATO POTENZA RODRIGUES/  
GABRIELA MORANDINI

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cazarré, Lourenço

Estava nascendo o dia em que conheceriam o mar /  
Lourenço Cazarré ; ilustrações Murilo Silva. — São Paulo :  
Saraiva, 2011. — (Jabuti)

ISBN 978-85-02-13294-8 (aluno)

ISBN 978-85-02-13295-5 (professor)

1. Ficção — Literatura juvenil I. Silva, Murilo. II. Título.  
III. Série.

11-08195

CDD-028.5

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

## Rompantes

Entre o momento em que o médico de olhos frios lhe disse que seu neto, luz de sua longa existência, teria pouco tempo de vida e a conversa que travou com o louco, já noite fechada, o velho Fulgêncio viveu horas ruins e penou uma barbaridade.

Perambulou durante o dia todo, sem um só segundo de descanso, nem no corpo nem na alma, perseguido por pensamentos dolorosos que lhe chegavam como golpes de chicote. O tempo todo deixou-se açoitar, calado, sem reação, como besta de carga.

De noite, quando retornava ao hospital, vindo da antiga estação ferroviária, ocorreu-lhe de estalo a ideia maluca. Sem refletir, aceitou o desatino e sentiu que sua alma serenava naquele mesmo instante.

*Aí, me baixou uma paz que nem lhe conto.*

De manhã, pouco depois de ter sabido que o guri estava desenganado, tivera um acesso de raiva. Logo ele,

que era um elemento pacato. Chegou a bater com a mão fechada no peito, desafiante. Enfrentaria Deus e o Diabo, se aparecessem por perto. Rosnou um nome feio, cuspiu, mas aquilo não se sustentou por muito tempo. Logo abaixou a crista.

*Não sou indivíduo que se dê ao luxo de ter rompantes.*

De tão perturbado que ficou, caminhou meio que sem destino, ora se arrastando como um pesteadado, ora apressado como quem vai tirar o pai da força, mas sempre com um brilho intenso nos olhos.

*Quem me encarasse, via que eu atravessava grande turbacão.*

Depois, quando o guri lhe pediu que buscasse a camiseta do time de basquete, tornou a caminhar, mas aí com destino certo. Atravessou a cidade de ponta a ponta, a pé. Lembrava bem que, ao cruzar pela praça do centro, vendo um bando de velhos sentados sob as árvores, até sentiu vontade de se abancar por uns minutos.

*Meu corpo pedia arrego.*

Mas não se deteve. Foi em frente e aguentou bem o estirão até a casinha em que morava com o neto. Mal entrou, já estava de volta à rua. E, em seguida, no mesmo trote, voltou ao hospital. No total, uma caminhada de mais de vinte quilômetros. Proeza que muita gente moça enjeitaria.

*É isso mesmo: fui e voltei de pernada.*

Não pegou ônibus nem na ida nem na volta porque não lhe pareceu decente que um cidadão com um neto à beira da morte pudesse entregar-se àquele desplante.

*Seria um deboche com a pobre criança.*

Andava numa passada macia e vagarosa, mas de vez em quando, ao sentir que pensamentos ruins se aproximavam, abria o compasso. Tentava não dar ensejo a que eles se chegassem, deixava-os para trás.

## Água

Em certo momento, sem mais nem menos, lembrou-se do que um dia lhe dissera sua mãe, que era meio bugra:

— Pega teu choro e joga no arroio, que a água leva ele embora.

Na época, não passava de um piá. Havia cravado bem fundo na polpa da mão um espinho ao preparar um arco para flechar passarinhos. Sim, arco, porque achava mais engraçado derrubar os bichos a flechada do que acertá-los a pedrada. Desbastava um galho quando se feriu.

Entrou chorando no rancho em busca de socorro e consolo, mas a mãe lhe disse aquilo. Então ele foi até a beira do córrego, arrancou com os dentes o espinho que

trazia enterrado no acolchoado da mão e o cuspiu na água esverdeada.

Para se livrar daquela recordação amarga, sacudiu os ombros e se recriminou.

*Para de pensar bobagem, homem velho, que tu sempre teve siso.*

## Sofrimento

Uma coisa era mais do que certa: não podia se entregar ao desespero. A situação era feia? Era. Tinha saída? Não tinha. De qualquer modo, precisava achar um jeito de safar-se daquele poço escuro.

A solução que resolve todos os problemas é a morte. Mas ele não podia simplesmente se dependurar pelo pescoço num galho de umbu como costuma fazer essa gente do campo.

— Por que é o meu guri que tem de morrer?

Sabia muito bem que Deus pode tudo. Sabia que Ele, quando quer tirar a vida de alguém, tira e não dá muita explicação. Tira porque tira, e pronto. Mesmo assim não se consolava. Achava que o caso dele era diferente. Uma frase brotou-lhe dos lábios:

— O Senhor tá me tomando a única coisa que me dá alegria.

Impressionou-se por um instante com aquele argumento. Era seguro que, com ele, encurralaria

Deus, que não teria como retrucar. Logo, porém, desiludiu-se.

*Não, não, Nosso Senhor não se entrega assim no mais. Sem dúvida, Ele diria: “Mas, bah, quem é tu, Fulgêncio dos Santos, pra ter direito a alegria nesta vida?”*

Deus estava certo. Ele, Fulgêncio, era um velho de bosta. Um nada, um ninguém, um nenhum.

Mas e o guri?

O piá era outra coisa. Inteligente, educado e bonito. Estava com apenas onze anos e era muito curioso, vivia interessado em descobrir e conhecer tudo.

*E o Senhor sabe muito bem que o que mais tem nesse mundo é coisa bonita pra se ver...*

Envergonhou-se de ter bolado outro raciocínio tão fraco porque qualquer coió sabe que o que mais existe nessa terra é miséria e sofrimento. Além disso, de onde buscava soberba para bater boca com Deus? Tinha que se mixar.

*São muitos os dias hoscos na vida de um velho como eu, mas o de ontem não tem parecença com nada.*

## Engano

Como sempre, saíra do quentinho da cama às cinco.

Era hábito antigo, que trouxera do campo. Escutando rádio, tomou mate até perto das seis horas. Emo-



cionou-se com a Ave-Maria recitada por um locutor que tinha um vozeirão de primeira qualidade. Depois, virou uma caneca de café-preto com pão barrado de banha.

Fez tempo até as seis e meia quando se mandou para o hospital. Uma puxada de hora e pico de caminhada, levada na maciota. Gostava de andar com suas próprias patas, ainda mais de manhã cedo quando o ar era mais fresco.

Chegou lépido e faceiro à portaria do hospital e perguntou à atendente se ela sabia em que quarto se encontrava internado um rapazinho chamado Anderço dos Santos.

— Vá até o bloco cirúrgico, que lá o senhor consegue mais informações.

O velho meio que se desarvorou:

— Bloco cirúrgico? Mas, pelo que me disseram, o guri só ia fazer uns exames agora de manhã.

— O que eu tenho aqui na minha papeleta é isso: bloco cirúrgico. O senhor não sabia que ele tava de operação marcada?

— Nem desconfiava.

— Pergunte por lá. Pode ser que haja um engano. Eu só sei o que tá escrito aqui.

De pernas bambas, Fulgêncio enveredou pelo corredor central. Aquele hospital era danado de grande por dentro. Gaguejando, pediu informação a uma enfermeira apressada. Penou um bocado, mas acabou achando o tal de bloco cirúrgico.

Na acanhada saleta de espera, acomodou-se num banco de madeira e ficou observando a porta de vaivém

que dava ingresso às salas de operação. Por um bom tempo não entrou nem saiu ninguém por ali.

## Lerdeza

Lá pelas tantas escutou um ringido de rodinha mal azeitada. Viu então surgir, vinda do corredor, uma maca. Não deu outra: quem estava deitado nela era seu neto, sorridente, de cabeça levantada.

— Torce por mim, vô!

A passagem do guri foi num tapa. Empurrada por uma enfermeira alemoa, a maca fez uma leve curva para a direita e a sua parte fronteira bateu contra as duas portinhas que se abriram num estrondo. O velho não reagiu, não disse palavra — a língua pesava-lhe dentro da boca — e nem se levantou.

*Fiquei aplastado no banco.*

O máximo que conseguiu fazer foi sacudir o pescoço para trás como galo bebendo água. Até tentou sorrir, mas a emenda ficou pior que o soneto: saiu-lhe uma careta.

Além da alemoa, que tocava a maca, havia outra enfermeira, uma morena gordinha, que vinha de mão dada com o guri.

*Bem que elas podiam ter parado um instantinho pra eu beijar o piá.*

Foi só muito depois de a maca ter sumido por trás

das portinhas de vaivém, que continuaram tatalando, que o velho conseguiu desengasgar:

— Tô torcendo por ti que nem louco!

Certamente o menino não escutou aquela frase, porque já devia estar longe dali, mas o velho se deu por satisfeito de ter pronunciado aquelas palavras de incentivo. O problema tinha sido a lerdexa.

*O sujeito idoso fica de fãisca atrasada.*

## Lembranças

Pouco depois, aconteceu-lhe uma coisa estranha.

De repente, do nada, sentiu a presença do velho Boré, seu avô, falecido havia mais de sessenta anos. Não tinha encosto com macumba, mas julgou perceber no ar frio da saleta até o mesmo cheiro de picumã que vinha do bigode fininho do falecido. Arrepiou-se com um calafrio no pé do cangote.

*Meu avô vivia com um cachimbo de taquara pendurado nos beijos.*

Gostava de aspirar a catanga de fumo do avô quando o velho o pegava nos braços para lhe contar umas histórias em língua de índio que ele, miúdo, não entendia.

*O pobre teve um fim triste.*

No final da vida, o velho não dizia coisa com coisa,

andava pelos cantos como alma penada falando sozinho. Tudo por causa do falecimento de sua mulher. Viveram juntos anos e anos até que a velha se finou. Numa certa manhã, ela simplesmente não se levantou. Disse que estava meio constipada. Daquele dia em diante não deixou mais as cobertas. A morte foi coisa de semanas.

*O velho não atentava pra mim quando eu puxava assunto com ele.*

Passou um tempão sentado no banco duro pensando no avô. Nos últimos tempos, cada vez mais, via-se esporeado por lembranças antigas, fatos acontecidos quando ele próprio não passava de um gurizinho.

Por quê? Ora só podia ser porque ele, velho daquele jeito, estava cada dia mais nas proximidades da morte.

*Meu avô morreu com muito menos idade do que eu tenho hoje.*

## Imprestável

Com um suspiro fundo e umas palmadas sonoras nas coxas magras, livrou-se do fantasma do avô. Tinha era que pensar no futuro. Fechou os olhos e reviu o neto passando na maca, ladeado pelas enfermeiras gorduchas, confiante, sorrindo.

*O peste do guri tem o jeito de rir do povo da minha família.*

Na cara achinesada dos Santos, quando sorriam, os olhos rasgados iam se fechando ao mesmo tempo que as bochechas se empinavam. Sim, ele e o guri riam de modo idêntico. Notara isso num espelho quando compravam um guarda-roupa numa loja de móveis usados.

*Agora, tem uma coisa: na pele, o piá puxou a mãe dele, que era bem clarinha.*

De repente escutou um ruído. Era, sem dúvida, um rangido de maca, e vinha do interior do centro cirúrgico.

Para ajeitar-se no banco, deu um prumo tão rápido no espinhaço que até sentiu uma pontada nos quartos. Ficara vergado por muito tempo, com os cotovelos cravados nos joelhos e as mãos sujeitando a cabeça.

*Ossamenta de idoso acusa qualquer movimentozinho mais brusco.*

As portas de vaivém se abriram de golpe e deram passagem à maca vazia, impulsionada pela mesma enfermeira loira. Como antes, a morena vinha ao lado. Pareceu a Fulgêncio que as duas mulheres estavam mais apressadas ainda do que na chegada.

Sentiu comichão de indagar se a operação ia demorar ou se ia ser no ligeirão, mas, diante da cara fechada das duas, não conseguiu se levantar.

*Mesmo que me pusesse em cima dos cascos, eu não teria peito de falar com elas.*

Era um velho trouxa que se confundia todo quando falava com gente importante.

*Quem manda ser bobo?*

Desassossegou-se. Se a cirurgia fosse coisa pouca, na certa as enfermeiras teriam parado para trocar uma prosa. Se não abriam o bico, é porque a coisa era feia. Lamentou-se por não tê-las interpelado. Deveria ter feito uma perguntinha no mínimo:

— Quanto tempo consome a operação?

Mas nem para isso servia. Era um imprestável.

## Dorzinha

Dali em diante o tempo arrastou-se.

Pensou em bater na porta de vaivém para pedir explicação a quem aparecesse, mas não teve coragem.

Cogitou procurar as enfermeiras que tinham carregado o guri na maca, mas não se mexeu do banco.

Ora, se tivesse trazido seu radinho de pilha, teria com o que se entreter.

*Sou louco por rádio. Gasto uma banana em pilhas!*

Em casa, atravessava o dia de aparelho ligado. No quarto, na sala, na cozinha, fosse onde fosse, estava sempre de orelhas em pé, escutando. Se capinasse na horta ou se lagartearse na soleira do pátio, pendurava o aparelho na pitangueira.